

“RECREIO ESTENDIDO” EM CONTEXTO DE LIQUIDEZ DAS RELAÇÕES HUMANAS NA ESCOLA

“EXTENDED RECESS” IN THE CONTEXT OF LIQUIDITY OF HUMAN RELATIONS AT SCHOOL

Fabiana Ribeiro de França¹
Daniel Celeste da Silva²
Ivan Bechtold³
Joel Cezar Bonin⁴
Levi Hülse⁵
Joel Haroldo Baade⁶

Recebido em: 18 nov. 2022.
Aceito em: 16 dez. 2022.

RESUMO

No contexto da modernidade líquida, as relações humanas e a capacidade de socialização se fragilizaram. A falta de interação e socialização entre os estudantes de uma escola com diferentes níveis de ensino foram a força motriz para a criação de um projeto com o engajamento do grupo gestor, pedagógico e demais membros da comunidade de uma Escola de Educação Básica em Santa Catarina. O projeto “Recreio Estendido” foi desenvolvido com a intencionalidade de proporcionar aos estudantes momentos de convivência que pudessem contribuir para a melhoria da situação identificada. Metodologicamente, esta produção pode ser caracterizada como um relato de experiência, com abordagem qualitativa do problema de pesquisa. Ao final do ano letivo de 2019, ano em que o projeto foi aplicado, percebeu-se excelentes resultados, especialmente entre os estudantes, validando assim, a importância da valorização das relações interpessoais e da gestão democrática nas instituições.

¹ Mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Educação Básica – PPGE/UNIARP, Caçador. Email: fab6487@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0181-1775>

² Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação Básica – PPGE/UNIARP, Caçador. Email: dani19061971@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1418-9396>

³ Mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Educação Básica – PPGE/UNIARP, Caçador. E-mail: ivanbechtold@gmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8563-1017>

⁴ Professor do Programa de Mestrado Profissional em Educação Básica – PPGE/UNIARP, Caçador. Email: joel@uniarp.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0437-7609>

⁵ Professor do Programa de Mestrado Profissional em Educação Básica – PPGE/UNIARP, Caçador. Email: levi@uniarp.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9974-6325>

⁶ Professor do Programa de Mestrado Profissional em Educação Básica – PPGE/UNIARP, Caçador. Email: baadejoel@uniarp.edu.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7353-6648>

Palavras-chave: Comunicação. Interação. Socialização. Relações sociais.

ABSTRACT

In the context of liquid modernity, human relationships and the ability to socialize have weakened. The lack of interaction and socialization among students from school with different levels of education was the driving force for the creation of a project with the engagement of the management, pedagogical group and other community members of a Basic Education School in Santa Catarina. The “Extended recess” project was developed with the intention of providing students living moments that could contribute to the improvement of the identified situation. Methodologically, this production can be characterized as an experience report, with a qualitative approach to the research problem. At the end of the 2019 school year, the year in which the project was applied, excellent results were seen, especially among students, thus validating the importance of valuing interpersonal relationships and democratic management in institutions.

Keywords: Communication. Interaction. Socialization. Social relationships.

INTRODUÇÃO

No início de cada ano letivo, professores e gestores recebem capacitações que objetivam mantê-los atualizados e aptos às demandas necessárias. Na Escola de Educação Básica Professora Lilia Ayroso Oechsler, muitas dessas capacitações, em 2019, eram oferecidas pelo Programa Cooperjovem do qual a escola fazia parte. O Programa Cooperjovem, à época, referia-se à uma iniciativa da Organização das Cooperativas Brasileiras desenvolvido pelo Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo com objetivo de disseminar a cultura da cooperação, baseada nos princípios e valores do cooperativismo, por meio de atividades educativas.

Em uma das capacitações, direcionada especialmente aos membros do grupo gestor e aos professores que coordenavam o Programa Cooperjovem na escola, trabalhou-se, dentre vários outros temas, a falta de interação cada vez mais presente entre os estudantes. A capacidade limitada de socialização de alguns e o uso excessivo dos aparelhos tecnológicos também foram debatidos assim como o pouco tempo que se disponibiliza para que essas “relações” sejam efetivamente possíveis.

No retorno à escola, diretora e membros gestores conversaram sobre o assunto e constataram que aquela também era uma questão a ser resolvida na Escola de

Educação Básica Professora Lilia Ayroso Oechsler. Mais tarde, com a ajuda de alguns professores que se faziam presentes, o projeto começou a tomar forma. Posteriormente, em um momento coletivo, a ideia foi novamente exposta aos demais professores, funcionários e alunos integrantes do Grêmio Estudantil. Depois dos ajustes necessários e do escopo definido, criou-se o projeto “Recreio Estendido”. Projeto este, que dentre tantas características, destacou-se pela perspectiva democrática aplicada in loco.

O projeto consistiu em uma vez ao mês dedicar 45 (quarenta e cinco) minutos, além do horário do lanche, para atividades que permitissem lazer, descontração, convivência e a socialização entre os alunos. Para esse momento, existiriam apenas duas regras estabelecidas pelo grupo organizador: os estudantes não poderiam utilizar nenhum equipamento eletrônico e nem permanecer dentro das salas de aula. Com a intenção de incluir a todos, foi solicitado a alguns alunos do grêmio estudantil, juntamente com os professores, que também participavam ativamente do projeto, que permanecessem atentos para mediar a inclusão daqueles mais tímidos ou com dificuldades de socialização.

REFERENCIAL TEÓRICO

Nossa desenvoltura em situações cotidianas reflete muito nosso grau de envolvimento e desenvolvimento social. Através das nossas relações sociais aprendemos a lidar com emoções, sentimentos e situações que exigem, muitas vezes, capacidade de argumentação e socialização. Apoio social e sentimento de pertencimento são necessidades básicas de todo ser humano. Porém, para muitos, vivemos tempos fluidos e essa fluidez impacta diretamente a maneira como vivemos e interagimos, pois, nossos hábitos e necessidades estão se reinventando em uma velocidade tão grande que reduz muito a possibilidade da consolidação dos vínculos e laços.

Segundo Bauman (2001, p.8):

Flúidos se movem facilmente. Eles fluem, escorrem, esvaem-se, respingam, transbordam, vazam, inundam, borrifam, pingam, são filtrados, destilados, diferente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com o sólido, emergem intactos, enquanto os sólidos que

encontraram, se permanecem sólidos, são alterados – ficam molhados e encharcados (BAUMAN, 2001, p. 8).

Especialmente em tempos tecnológicos, a fluidez dos acontecimentos e dos relacionamentos interfere singularmente nas instituições educacionais onde torna-se perceptível a dificuldade de socialização enfrentada por diversos estudantes. Muitos deles, com atividades sociais restritas apenas a seus aparelhos tecnológicos. “Nas mídias digitais as interações sociais tendem a ser menos rígidas, sendo formadas a partir de interesses, temas, valores compartilhados, mas sem a força das instituições e uma dinâmica de interação específica” (FERREIRA et al., 2020, p. 5). Ainda, segundo a autora,

A sociedade passou a organizar-se em torno das mídias digitais, nela as pessoas compartilham suas vidas, o que vestem o que consomem, acontecimentos importantes como conquistas pessoais, casamentos, aniversários, interagem com outras pessoas que conhecem na realidade como também amigos virtuais (FERREIRA et al., 2020, p. 5).

Conforme Miranda et al. (2019, p. 4), por sua vez,

[...] A fluidez da Modernidade Líquida se revela através da vulnerabilidade, instantaneidade e precariedade das relações humanas. [...] Na prática, isso significa um progressivo isolamento acompanhado, paradoxalmente, de um número igualmente grande de conexões com outras pessoas (MIRANDA, et al 2019, p. 4).

A complexidade das interações fluidas associada à inerente necessidade de viver e interagir, de ser e pertencer junto ao paradigma virtual atualmente imposto pressupõe a carência e a debilidade das relações que acontecem nos bancos escolares e faz crescer a relevância da atuação de gestores e educadores na resolução dessas fragilidades dentro do contexto educacional a fim de contribuirmos para a formação de indivíduos com capacidade e discernimento social.

A socialização pode ser compreendida como uma necessidade humana fundamental. O ser humano é essencialmente um ser social. Uma pessoa não se cria e não se desenvolve sozinha. Desde a concepção, somos dependentes de outras pessoas; em praticamente tudo dependemos das outras pessoas. Nesses termos, a socialização passa a ser também uma atribuição fundamental da escola.

METODOLOGIA

O presente estudo se caracteriza como sendo um relato de experiência, com abordagem qualitativa do problema proposto. Segundo Contreras e Pérez de Lara (2010b, p. 22): “a pesquisa educacional que não está separada da experiência busca algo muito especial como conhecimento: busca aquele conhecimento que ilumina o fazer[...]”. Portanto, procurou-se descrever uma conjuntura de todas as considerações cotidianas relevantes da Escola de Ensino Básico Professora Lilia Ayroso Oechsler objetivando descrever precisamente a vivência exitosa alcançada em 2019, através de um relato de experiência contextualizado com reflexões amparadas na realidade observada e com o propósito de gerar aprendizado.

Já a abordagem qualitativa, segundo Richardson (2017, p. 79), “[...] não emprega um instrumento estatístico como base do processo de análise de um problema. Não pretende numerar ou medir unidades ou categorias homogêneas”, preocupa-se, portanto, em interpretar o fenômeno observado a fim de compreender e fazer compreender que a realidade é uma construção social formada pelo todo e não apenas suas partes.

RELATO E ANÁLISE

Estar à frente de uma escola, no papel de diretor(a), nunca foi tarefa fácil. Segundo Lück (2009, p. 17),

o diretor é o profissional a quem compete a liderança e organização do trabalho de todos os que nela atuam, de modo a orientá-los no desenvolvimento do ambiente educacional capaz de promover aprendizagens e formação dos alunos, no nível mais elevado possível, de modo que estejam capacitados a enfrentar os novos desafios que são apresentados.

Nas Escolas Estaduais de Santa Catarina, este profissional conta com o apoio de uma equipe geralmente formada por assessor, assistente técnico pedagógico (ATP) e assistente de educação (AE), devendo ser predominantemente democrática a gestão desses estabelecimentos. Segundo Orsolon (2007):

a mudança na escola só se dará quando o trabalho for coletivo, articulado entre todos os atores da comunidade escolar, num exercício individual e grupal de trazer as concepções, compartilhá-las, ler as divergências e as

convergências e, mediante esses confrontos, construir o trabalho (ORSOLON, 2007, p. 21).

Em 2019, a Escola de Educação Básica Professora Lilia Ayroso Oechsler contava com uma equipe gestora formada por uma (1) diretora, uma (1) assessora, duas (2) ATPs e uma (1) AE. A referida instituição encontra-se localizada em Jaraguá do Sul – SC. Sua história iniciou em 1933, mas somente em 1993 passou a atender todos os níveis básicos de educação (ensino fundamental I, ensino fundamental II e ensino médio).

Em 2019, a escola atendeu aproximadamente 700 estudantes vinculados a rede estadual de ensino e aproximadamente 50 estudantes que, devido a um acordo firmado entre Estado e Município, frequentavam a pré-escola naquela Unidade Escolar. Naquele período a escola contava com uma média de 60 funcionários entre gestores, professores e demais trabalhadores, todos empenhados por excelentes resultados de ensino aprendizagem e interessados também no desenvolvimento do contexto humano entre os estudantes.

Heloisa Lück (2009, p. 82) pode nos ajudar quando diz que

Educação é processo humano de relacionamento interpessoal e, sobretudo, determinado pela atuação de pessoas. Isso porque são as pessoas que fazem diferença em educação, como em qualquer outro empreendimento humano, pelas ações que promovem, pelas atitudes que assumem, pelo uso que fazem dos recursos disponíveis, pelo esforço que dedicam na produção e alcance de novos recursos e pelas estratégias que aplicam na resolução de problemas, no enfrentamento de desafios e promoção do desenvolvimento.

Altenfelder (2004, p. 151) aponta que “a formação continuada de professores deve se concentrar no trabalho docente e nas relações que se estabelecem na escola, o que resgata o próprio espaço escolar como locus importante de formação continuada”. E foi por meio de uma formação continuada, oferecida a alguns membros da escola pelo Programa Cooperjovem, que o projeto “Recreio estendido” nasceu. Da inquietação da gestora e da sua equipe com um dos temas abordados na capacitação fez surgir a necessidade de possibilitar momentos e situações que favorecessem a convivência e a socialização entre os estudantes.

O interesse deu-se pela constatação da intrínseca participação dos recursos tecnológicos nas atividades cotidianas das crianças e adolescentes. Como reflexo, muitas vezes nos deparamos com alunos que, mesmo na escola, permanecem

isolados e raramente conseguem estabelecer vínculos com os colegas, fato que tornou ainda mais urgente a relevância do projeto.

A realidade virtual proporcionada pelo desenvolvimento e uso das novas tecnologias, tem ocupado um lugar de destaque na sociedade contemporânea por se tratar de um fenômeno sociocultural específico e emergente que vem se mostrando cada vez mais presente na vida cotidiana das pessoas por todo o planeta (SOARES et al., 2016, p. 1).

Além dos efeitos prejudiciais que o uso exagerado dos dispositivos eletrônicos pode desencadear na saúde, muitos estudantes acabam sofrendo com prejuízos relacionados ao convívio familiar e social, pois acabam substituindo momentos de interação por compulsões tecnológicas e virtuais, o que sugere a disformidade de seus propósitos pessoais, sociais e escolares.

A observação das dificuldades de interação já vinha sendo percebida pelo grupo gestor que necessitava lidar diariamente com a insistência de alguns estudantes pela permissão do uso dos aparelhos celulares durante o intervalo do recreio sob pretexto de que não tinham alternativas para o que fazer naquele espaço de tempo. Sempre que questionados, esses estudantes alegavam que não tinham amigos ou então que preferiam ficar sozinhos.

Compreendendo que uma das funções da escola é organizar, criar e adequar espaços que permitam a inclusão social e cultural através da convivência efetiva e harmoniosa entre os estudantes independente das especificidades vivenciadas por cada um, o “Recreio Estendido”, inicialmente, vislumbrou o desenvolvimento das interações entre grupos de diferentes turmas ou faixa etária e a prática das relações sociais mesmo que em um ambiente apenas conhecido pelo seu viés de aprendizagem.

Esse momento foi proporcionado através de um intervalo com tempo suficiente para que os estudantes pudessem interagir uns com os outros e também para que o surgimento de novas amizades pudesse acontecer. Uma vez ao mês, após os quinze minutos dedicados à alimentação, os estudantes dispunham de mais quarenta e cinco minutos para o lazer, convivência e socialização com os demais colegas da escola.

Nas datas estabelecidas, uma hora antes do projeto acontecer, os integrantes do grêmio estudantil, com a ajuda de alguns professores, eram responsáveis por

organizar a escola. Isso porque foi colocado em prática a ideia de criar alguns espaços que oferecessem oportunidades para os estudantes interagirem entre si. Esses espaços foram criados pensando nas individualidades de cada grupo e foram denominados “clubes”. Cada clube tinha a supervisão de professores e alunos do grêmio estudantil devidamente identificados por um colete amarelo.

Cabe destacar que, em nenhum instante, o cuidado com o desenvolvimento da aprendizagem convencional foi deixado de lado, mas aqui, recorreu-se a Platão, a fim de corroborar com a relevância desses momentos oferecidos aos estudantes: “Não eduques as crianças nas várias disciplinas recorrendo à força, mas como se fosse um jogo, para que também possas observar melhor qual a disposição natural de cada um”.

Um dos espaços organizados foi dedicado à literatura. O local foi pensado para atender aos estudantes e aos profissionais da área que desejavam formar novos leitores por meio de uma alternativa diferenciada, encantadora e prazerosa que possibilitasse a partilha literária. O espaço era frequentado especialmente por alunos do fundamental I e II que se divertiam com os vários títulos disponibilizados pela escola. Além disso, existia a possibilidade dos estudantes levarem de casa os seus livros preferidos.

Figura 1 – Espaço dedicado à leitura



Fonte: Arquivo dos autores (2022)

Segundo Grazioli e Coenga (2014, p. 191):

Partilhar é o termo ideal, porque antes de tudo, leitura é uma experiência que envolve a troca, o diálogo e a interação. Muito se ouve falar que os alunos não leem. Há uma questão, no entanto, que deve anteceder a essa: como o professor enfrenta o desafio da leitura? Nesse sentido, o professor que deseja

formar leitores e promover em sala de aula precisa se perguntar antes: Como me tornei leitor? Como descobri o interesse pela leitura? Qual a experiência de leitura que eu tenho que partilhar com os outros?

Cabe aqui destacar a importância do envolvimento do professor em todo esse processo, pois Krug (2015, p. 2) adianta que “Para quem mostra o caminho das palavras, de maneira alguma incorrerá na incredibilidade sobre sua essencialidade como alguém que domina o conhecimento nessa área como profissional. Tão importante quanto ensinar a ler, é formar um bom leitor”. Desse modo, a prática contribui para o fomento na escola de um hábito de leitura, enfatizada por Baade e Silva (2016). O hábito de leitura não pode ser relegado à espontaneidade do indivíduo, mas deve ser intencionalmente fomentando sob risco de se fomentar justamente o seu oposto, que é o hábito de não ler.

Lembrando que o professor das séries iniciais deve criar um ambiente educativo, com qualidade e intencionalidade a fim de permitir aos estudantes “explorar e utilizar espaços, materiais e instrumentos colocados à sua disposição, proporcionando-lhes interações diversificadas com todo o grupo, em pequenos grupos e entre pares, e também a possibilidade de interagir com outros adultos” (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 1997, p. 26), dedicou-se também um espaço para o livre brincar, priorizando a imaginação e a diversão por meio de brinquedos diversificados. Os brinquedos que eram disponibilizados neste momento foram arrecadados através de uma campanha que envolveu todas as famílias da escola.

Figura 2 – Espaço para o livre brincar



Fonte: Arquivo dos autores (2022)

Espaços como esse permitem a notória evolução das crianças por meio das observações e reproduções que elas realizam. Para Pimentel (2008), a brincadeira:

instiga a criança, cada vez mais, a ser capaz de controlar seu comportamento, experimentar habilidades ainda não consolidadas no seu repertório, criar modos de operar mentalmente e de agir no mundo que desafiam o conhecimento já internalizado, impulsionando o desenvolvimento de funções embrionárias de pensamento (PIMENTEL, 2008, p. 117).

Os caminhos que se descortinam através da democratização de novas possibilidades que objetivam o ensino e a aprendizagem também alcançaram o mundo da música, não com ambição de fazer do estudante um profissional da área, mas, segundo Hentschke (2003), com objetivo de:

[...] facilitar o acesso à multiplicidade de manifestações musicais da nossa cultura, bem como possibilitar a compreensão de manifestações musicais de culturas mais distantes. Além disso, o trabalho com música envolve a construção de identidades culturais de nossas crianças, adolescentes e jovens e desenvolvimento de habilidades interpessoais (HENTSCHE, 2003, p. 179).

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 2008), através da Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008, “pelo seu potencial para desenvolver diferentes capacidades mentais, motoras, afetivas, sociais e culturais de crianças, jovens e adultos, a música se configura como veículo privilegiado para se alcançar as finalidades educacionais almejadas”. Sendo assim, nos dias em que o projeto “Recreio Estendido” acontecia, também se dedicou um espaço à música.

Figura 3 – Espaço dedicado à música



Fonte: Arquivo dos autores (2022)

A potencialidade dos espaços físicos oferecidos pela escola abriu possibilidades variadas para diversas atividades que podiam ser escolhidas pelos estudantes a partir de materiais esportivos disponibilizados. Bolas, cordas, redes, raquetes, todos os recursos existentes ficavam à disposição. Além disso, baralho, dominó, UNO, quebra-cabeça todos eram livremente permitidos nesse dia, destacando o saber informal, para além daquilo que fica restrito à sala de aula e ao quadro e que geralmente é representado pela formalidade da leitura didática e da escrita. Neto (2001 apud FIGUEIREDO, 2010, p. 35) aponta que:

Jogar não deve ser uma imposição mas uma descoberta. Brincar/jogar não é só uma ideia, é uma vivência. O jogo não é um processo definido, é um processo aleatório. Jogar/brincar não é só incerteza, é uma forma acrescida de ganhar segurança e autonomia.

Figura 4 – Atividades diversas



Fonte: Arquivo dos autores (2022).

Apesar da inclinação natural para nos unirmos com grupos de faixa etária igual ou parecida, após dois desses momentos, já era visível que o fator idade não era algo determinante, inclusive tornou-se comum a interação entre alunos do ensino médio com alunos da pré-escola e fundamental I durante a realização das atividades.

Portanto, reitera-se a relevância de uma aprendizagem contextualizada e significativa, construída a partir de uma ação democrática com vistas à boa interação e ao convívio pacífico entre todos os envolvidos. Conhecimentos, aprendizagens e relacionamento, no âmbito escolar, são construídos a partir da prática da cooperação, solidariedade, respeito e das oportunidades proporcionadas e vivenciadas no dia-a-dia da escola.

Cabe salientar que quando a criança interage “[...] com o meio, com os outros e com os objetos de forma positiva [...]” ela consegue potencializar “[...] o seu desenvolvimento pessoal, social e emocional” (Laevers, Moons e Declercq, 2012, cit. in Bilton, Bento, & Dias, 2017, p. 114).

Bilton, Bento e Dias (2017, p. 24) ainda citam a “dimensão do espaço, a diversidade de materiais, a existência de mais desafios que promovem a cooperação e a partilha entre crianças”, referindo-se ao desenvolvimento das aptidões cognitivas e motoras que atividades como esta desencadeiam. As aprendizagens alcançadas demonstram a excelência do projeto que, além de promover a socialização e a interação, permitiram aos estudantes, experimentar novas atividades e brincadeiras através da ação proposta.

Para crianças, atualmente vivendo em ambientes predominantemente limitados de espaço e oportunidades, o ensejo oferecido demonstrou grande valia, especialmente para o empoderamento social, como podemos observar em alguns depoimentos. Uma professora do ensino fundamental afirmou:

O recreio estendido foi uma iniciativa maravilhosa que deu muito certo, pois os alunos gostavam muito das atividades, bem como do momento em si, onde podiam participar ou apenas sentar e conversar com os colegas. As atividades eram pensadas para que toda a escola pudesse participar, proporcionando um ambiente mais saudável, além de oferecer brincadeiras, que valorizavam o espírito de cooperativismo, solidariedade, respeito e atitudes que melhoram a convivência, bem como ajudavam os estudantes a socializarem de maneira mais livre, obedecendo a regras com consciência e respeito.

Na minha opinião essa atividade despertou um sentimento de pertencimento, de confraternização de maneira livre, mas consciente. Os jogos e as brincadeiras proporcionaram momentos lúdicos e de incentivo ao convívio harmonioso e colaboraram para a interação social entre crianças e jovens.

Neste mesmo sentido, outra professora do ensino fundamental acrescentou:

A experiência do recreio estendido, no início teve uma certa resistência por se imaginar que seria algo a mais para damos conta, no entanto no decorrer dos dias, tivemos a oportunidade de trabalhar em grupo e vivenciar junto com as crianças a fantasia, o momento mágico e o crescimento pedagógico fora da sala de aula. Eram momentos de trocas entre as crianças e profissionais da escola e quando nos demos conta virou uma rotina leve e agradável de cumprir.

Um aluno do 4º ano afirmou ainda em 2019 sobre a experiência do Recreio Estendido:

O recreio estendido era muito legal porque tinha várias brincadeiras, a gente podia correr e brincar, e trazer os nossos brinquedos de casa também. Cada lugar da escola tinha uma brincadeira diferente e a gente escolhia o que queria fazer: tinha bola, amarelinha, pintura no rosto, jogos gigantes, roda da leitura, dança e música. Era um dia muito divertido porque ficávamos com nossos amigos por um tempo maior do que o recreio comum. Também tinha vezes que a gente podia usar fantasia e era mais legal ainda.

O relato do aluno evidencia o quanto a experiência possibilitou a construção de memórias significativas, da escola e das pessoas com que se convivia naquele espaço.

Uma das assistentes técnicas ainda afirmou:

Em 2018 / 2019 a gestora da escola trouxe a proposta de ampliarmos o recreio (intervalo) para fomentar a prática de atividades coletivas colaborativas. Esses intervalos eram planejados para acontecerem uma vez ao mês. Os estudantes do ensino médio ajudavam nas atividades com o ensino fundamental/anos iniciais. Foram organizados momentos onde os alunos vinham fantasiados e jogavam bola. Eram momentos muito agradáveis de interação entre professores, direção e alunos. Brincávamos, corríamos. Fazíamos piquenique. O projeto funcionava super bem. Foram dias divertidos de integração e descontração.

O relato da assistente esclarece e aponta para a dimensão democrática do Recreio Estendido. Tratou-se de iniciativa não feita apenas “para” as crianças, mas “com” as crianças. Assim, não apenas socialização foi possibilitada, mas também o exercício do protagonismo por crianças, técnicos e professores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar da rica possibilidade de conexão entre os indivíduos, muitas das tecnologias digitais disponíveis, atualmente, acabam distanciando física e emocionalmente as pessoas que passam a ficar encantadas com o mundo online e

sua superficialidade a ponto de se sentirem, muitas vezes, isoladas e solitárias, apesar das inúmeras conexões estabelecidas virtualmente.

Não se trata de desmerecer os meios digitais, no entanto, reconhecer seus benefícios paralelamente a dosagem adequada do seu uso, hoje em dia, é crucial para o nosso bem-estar. Concordamos que são inegáveis as vantagens e oportunidades que a tecnologia nos proporciona, assim, como também reconhecemos o aumento da liquidez das relações humanas a partir do surgimento e propagação dos meios digitais, mas não podemos assentir que todo esse avanço tecnológico venha refletir desfavoravelmente na saúde humana.

Essa constatação da liquidez das interações humanas no contexto da Escola de Educação Básica Professora Lilia Ayroso Oechsler, permitiu aos professores e gestores da Unidade oferecerem apoio e condições para que as socializações de caráter humano e social acontecessem por meio do projeto “Recreio Estendido”.

É fato que as relações sociais estão sendo castigadas pelo uso excessivo das tecnologias e das oportunidades virtuais, porém, nunca foi tão clara a necessidade de contato e interação e o quanto esta falta nos adocece social e emocionalmente. Estamos começando a acender novamente depois de severas limitações sociais experienciadas pela Pandemia da COVID, e isso nos permite afirmar a relevância de projetos e ações como esta, que nos permitem reavivar nossa essência como seres pertencentes e dependentes das relações com o outro e com o meio no qual estamos inseridos.

REFERÊNCIAS

ALTENFELDER, Anna Helena. **Formação Continuada: os sentidos atribuídos na voz do professor**. São Paulo: PUCSP (Dissertação de mestrado), 2004.

BAADE, Joel Haroldo; SILVA, Ezequiel Theodoro. “Professor, não tenho tempo para ler!” – a prática docente diante do hábito de não-leitura. **Leitura: Teoria & Prática**, v. 34, n. 67, p. 125-136, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.34112/2317-0972a2016v34n67p125-136>. Acesso em: 10 nov. 2022.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BILTON, H.; BENTO, G.; DIAS, G. **Brincar ao Ar Livre - Oportunidades de desenvolvimento e de aprendizagem fora de portas**. Porto: Porto Editora, 2017

BRASIL. Lei nº 11.769, de 18 de agosto de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996...para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Diário Oficial da União, Brasília, ano CXLV, n. 159, seção 1, p. 1, 19 ago. 2008. Disponível em: <https://www.in.gov.br/imprensa/visualiza/index.jsp?jornal=1&pagina=1&data=19/08/2008>. Acesso em: 03 out. 2022.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Orientações curriculares para a educação pré-escolar. Lisboa: Ministério da Educação, Departamento de Educação Básica, 1997.

CONTRERAS, José; PÉREZ DE LARA, Nuria. La experiencia y la investigación educativa. En CONTRERAS, José y PÉREZ de LARA, Nuria (comps.) Investigar la experiencia educativa. Madrid: Morata, 2010b, p. 21-86

FERREIRA, Thais Paula Fernandes; CORRADI, AnaLaura. Reflexões de interações sociais através das mídias digitais em tempos líquidos. **Brazilian Journal of Development**, v. 6, n. 12, p. 103095-103106, 2020.

FIGUEIREDO, A. Espaços do brincar em contextos de infância. Cadernos de Educação de Infância, v. 90, p. 35-37, 2010.

GRAZIOLI, Fabiano T.; COENGA, Rosemar E. Literatura Infanto juvenil e leitura: novas dimensões e configurações. Erechim: Habilis, 2014.

HENTSCHKE, Liane. A aula de música: do planejamento e avaliação à prática educativa. In: HENTSCHKE, Liane; DEL BEM, Luciane (Org.). Ensino de música: propostas para pensar e agir em sala de aula. São Paulo: Moderna, 2003.

KRUG, Flávia Susana. A importância da leitura na formação do leitor. **Revista de Educação do IDEAU**, v. 10, n. 22, p. 2-14, 2015.

LÜCK, Heloisa. **Dimensões de gestão escolar e suas competências**. Curitiba: Editora Positivo, 2009.

MIRANDA, Horácio Leal. MARBACK, Heitor Ferrari. A LIQUIDEZ DAS RELAÇÕES AFETIVAS NO CIBERESPAÇO – XV enecult encontro de estudos multidisciplinares em cultura. 2019, Bahia. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/362179725_A_LIQUIDEZ_DAS_RELACOES_AFETIVAS_NO_CIBERESPACO. Acesso em: 03 out. 22.

ORSOLON, Luzia Angelina Marino. **O coordenador/formador como um dos agentes de transformação da/na escola**. In: ALMEIDA, Laurinda Ramalho de; PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza (orgs). O coordenador pedagógico e o espaço de mudança. 6ª edição; São Paulo, Edições Loyola, 2007.

PIMENTEL, A. A ludicidade na educação infantil: uma abordagem histórico-cultural. Psicologia da Educação, v. 26, p. 109-133, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psie/n26/v26a07.pdf>. Acesso em: 3 out. 2022.

RICHARDSON, R. J. Pesquisa social: métodos e técnicas. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

SOARES, S. S. D.; CÂMARA, G. C. V. TECNOLOGIA E SUBJETIVIDADE: IMPACTOS DO USO DO CELULAR NO COTIDIANO DE ADOLESCENTES. **Pretextos - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas**, v. 1, n. 2, p. 204 - 223, 1 dez. 2016.